



A MEDALHA DE OURO DE THIAGO BRAZ DA SILVA E O OLIMPISMO: UM ESTUDO DA COBERTURA DO PORTAL UOL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016

Resumo - O artigo é parte dos resultados de uma pesquisa que verificou a cobertura dos Jogos Olímpicos de 2016 pela imprensa brasileira. Observam-se distanciamentos e aproximações das narrativas com os ideais defendidos pelo Barão de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e o fundador do Movimento Olímpico. Coubertin enxergava o esporte e sua interface com a educação e os princípios éticos como meios para desenvolvimento do ser humano. O jornalismo é importante agente de estímulo de vocações e, junto com o esporte, pode contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Analisa-se reportagem publicada pelo Portal UOL sobre a prova de salto com vara, com ênfase à conquista da medalha de ouro pelo atleta brasileiro Thiago Braz da Silva. A hipótese confirmada é que prevalecem abordagens do esporte de caráter ufanista e espetacular em detrimento aos ideais preconizados por Coubertin. Há, porém, momentos que remetem à função social do jornalismo quando tocam, indiretamente, em certos valores olímpicos.

Palavras-chave: Esporte; Jogos Olímpicos; Jornalismo Esportivo; Olimpismo; Pierre de Coubertin.

THE GOLD MEDAL OF THIAGO BRAZ DA SILVA AND THE OLYMPISM: A STUDY OF PORTAL UOL COVERAGE'S IN THE 2016 OLYMPICS GAMES

Abstract - The article is part of the results of a research that checked the Brazilian press coverage of the 2016 Olympic Games. We observe the distances and approximations of the narratives with the ideals defended by Baron de Coubertin, idealizer of the Olympic Games of the Modern Era e founder of the Olympic Movement. Coubertin viewed the sport and its interface with education and ethical principles as a means for the development of human being. Journalism is an important agent promoting vocations and, together with sport, contributes to the improvement of people's quality of life. Report published by the Portal UOL, about pole vault competition, is analyzed with an emphasis on the achievement of the gold medal by Brazilian athlete Thiago Braz da Silva. The confirmed hypothesis is that it prevails in the content an approach of the sport as proudly nationalist and spectacular to the detriment of the ideals defended by Coubertin. There are, however, moments that refer to the social function of journalism when indirectly touch some Olympic values.

Keywords: Sport; Olympic Games; Sports Journalism; Olympism; Pierre de Coubertin.

LA MEDALLA DE ORO DE THIAGO BRAZ DA SILVA Y EL OLIMPISMO: UM ESTUDIO DE LA COBERTURA DEL PORTAL UOL EN LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE 2016

Resumen - El artículo es parte de los resultados de una investigación que verifico la cobertura de los Juegos Olímpicos de 2016 por la prensa brasileña. Se observan distanciamentos y aproximaciones de las narrativas con los ideales defendidos por el Barão de Coubertin, idealizador de los Juegos Olímpicos de la Era Moderna y el fundador del Movimiento Olímpico. Coubertin enxergava el deporte y su interfaz con la educación y los principios éticos como medios para desarrollo del ser humano. El periodismo es importante agente de estímulo de vocaciones y, junto con el deporte, puede contribuir para mejorar la calidad de vida de las personas. Se analiza reportaje publicado por el Portal UOL sobre la prueba de salto con vara, com ênfasis a la conquista de la medalla de oro por el atleta brasileño Thiago Braz da Silva. La hipótesis confirmada es que prevalecem abordajes del deporte de carácter ufanista y espetacular em detrimento a los ideales preconizados por Coubertin. Hay, sin embargo, momentos que remiten a la función social del periodismo cuando tocan, indiretamente en ciertos valores olímpicos..

Palabras-clave: Deporte; Juegos Olímpicos; Periodismo Deportivo; Olimpismo; Pierre de Coubertin.

Marcelo Cardoso

*Universidade Anhembi-
Morumbi*

cardoso_marcelo@uol.com.br

[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v1n1.id8](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v1n1.id8)

Introdução

O artigo é parte de uma pesquisa mais ampla que pretende compreender melhor o trabalho da imprensa esportiva brasileira durante o período de realização dos Jogos Olímpicos de 2016 – de 05 a 21 de agosto – no Rio de Janeiro, Brasil. Objetivou-se observar os distanciamentos e as aproximações de narrativas jornalísticas com relação aos ideais defendidos por Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin (1863-1937). O francês é reconhecido como o fundador do Comitê Olímpico Internacional, do Movimento Olímpico e dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Coubertin trabalhou para unir esporte, educação e cultura a princípios éticos e a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem.

A pesquisa mapeou o conteúdo editorial, ou seja, exclusivamente jornalístico (deixou de fora qualquer material de cunho publicitário), para identificar indicativos correlacionados às ideias coubertinianas. Acompanhamos fatos específicos e suas repercussões por meio do *hot site* do Portal UOL, denominado Olimpíadas e acessado pela *home page* do portal (<http://www.uol.com.br/>) por meio da aba Olimpíada ou da aba Esporte (que levava ao UOL Esporte, onde se acessava a página com notícias da Rio 2016). O ingresso direto no sítio específico ocorreu a partir da página principal pelo endereço <http://olimpiadas.uol.com.br/>.

Informações advindas de empresas que têm parceria com o UOL e foram publicadas pelo portal, mas pertenciam a serviços como agências de notícias, foram excluídas das análises na pesquisa. A opção pelo Portal UOL ocorreu por ser um dos mais acessados do país em produção de conteúdo jornalístico e por estar associado à empresa Folha da Manhã, importante grupo ligado ao jornalismo no Brasil. Entre os dias 1º e 22 de agosto de 2016, segundo a *home page* do portal, o UOL Esporte recebeu 146 milhões de visitas, maior número registrado e que ultrapassou a marca obtida na época da realização da Copa do Mundo FIFA (Fédération Internationale de Football Association) de 2014, no Brasil. O portal foi criado em 1996 e tem mais de 7,4 bilhões de páginas visitadas todos os meses.

Durante a coleta de dados focamos em um dos fatos que marcaram a cobertura durante a Rio 2016: a disputa das competições de salto com vara com a conquista da medalha de ouro, inédita, pelo brasileiro Thiago Braz da Silva, de 22 anos. Enfocamos o conteúdo postado pelo Portal UOL durante o período de 24 horas a partir do momento

em que Thiago Braz garantira, ao menos, a medalha de prata. O americano Sam Kencricks falhou e não superou a marca de 5,93 m o que ocorreu pouco antes de 23h30 do dia 15 de agosto de 2016 e abriu caminho para que o brasileiro avançasse na competição.

Foram coletadas 19 postagens no período cujo conteúdo variou do texto simples à fusão com vídeos e com fotografias ou textos-legenda. Desse modo pudemos identificar a primeira reportagem após a conquista do brasileiro e as suítes* a partir de então. Com o objetivo de deixar o recorte mais específico para este *paper*, analisamos apenas a primeira reportagem veiculada pelo portal logo após a conquista da medalha e que traz a narrativa completa dos momentos finais do evento. Em outros artigos poderemos tratar do restante do material captado. Entre o conteúdo analisado estão o título† e o *lead*‡ da referida notícia por serem aceitos pela comunidade jornalística como ferramentas que chamam a atenção do consumidor de notícias ao destacarem os fatos mais importantes.

A coleta de informações também foi realizada por meio do aplicativo Placar UOL/Olimpíadas para aparelho de telefone móvel feita posteriormente ao dia da disputa para que pudéssemos avaliar o material consolidado. Após a verificação pelo aplicativo realizamos a checagem comparativa do material por meio da internet, acessada uma semana depois do evento específico, a partir de um computador. Constatamos que os conteúdos eram os mesmos. As análises a respeito das imagens contidas na reportagem foram tecidas à luz do referencial teórico oferecido neste artigo. Um aprofundamento teórico em torno apenas das imagens verificadas na reportagem pode ser realizado,

* Martins¹ define o termo *suíte* como aquele utilizado por jornalistas para: “o desenvolvimento, nos dias seguintes, de uma notícia publicada pelo jornal. Indispensável logo depois da divulgação do fato, como seu desdobramento natural ou mesmo provocado (...)” (p. 274).

† MELO² afirma que: “o título da notícia já constitui a apropriação de uma forma publicitária pelo jornalismo” (p. 67). Significa que o título influencia a visão de mundo que o leitor terá ao ler o texto.

‡ Martins¹ define *lead* como a forma possível de se abrir um texto jornalístico e que: “deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo do fato. Precisa sempre responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e por quê” (p. 154).

também, a partir de uma leitura semiótica, mas, que teria de permear uma outra pesquisa.

A opção em monitorar as postagens digitais *a posteriori* ocorreu após constatarmos *in loco* durante as competições (que foram acompanhadas a partir das arquibancadas dos parques olímpicos), que a utilização do celular tinha fortes limitações porque era difícil se obter uma rede *wi-fi* operante. Como é de conhecimento público, no Brasil o sistema de telefonia móvel impõe certas restrições que prejudicam a recepção em determinados momentos e locais. O público que entrava nos parques olímpicos era submetido a revistas e seus pertences passavam por aparelhos de raio-X, o que dificultava levar certos equipamentos como um rádio, por exemplo.

A hipótese levantada no estudo foi de que grande parte do conteúdo informativo da reportagem analisada estaria ligada a abordagens que tratam o esporte privilegiando os resultados da alta *performance* e a prática da competição pela vitória e pelo negócio, como explica o professor Anderson Gurgel³:

O esporte como espetáculo gera um “show de imagens”, que é ingrediente perfeito para o entretenimento na sociedade contemporânea. Jogos, jogadores, jogadas, façanhas e narrativas, arenas, torcedores, produtos e celebridades do (e no) esporte são alguns dos itens fundamentais dessa grande fonte geradora de imagens e imaginários que constroem um sistema de práticas e de sentidos inseridos no ambiente capitalista do trabalho e da geração de interesses econômicos (p. 203).

Ao se pautar em torno de competições como as realizadas em olimpíadas, o jornalismo esportivo tenderia a optar por conteúdos que satisfaçam compromissos comerciais e enveredam, via de regra, pelo ufanismo em detrimento dos ideais preconizados por Pierre de Coubertin e ao que o esporte pode representar para o desenvolvimento do cidadão.

Referencial Teórico: entre o Jornalismo e o Olimpismo

Educador, Pierre de Coubertin preocupava-se com a formação do jovem e entendia que o esporte era parte importante na educação das pessoas. Um dos objetivos do Movimento Olímpico até hoje é apoiar a educação ligada ao Olimpismo que tem

entre suas propostas “proteger e promover os interesses comuns da sociedade humana, tais como paz, amizade e progresso” e a “busca pela excelência, o *fair-play*, a justiça e o respeito”⁴ (p. 41). Mais do que um sistema, o Olimpismo é uma atitude.

Coubertin acreditava que o esporte possui características que auxiliam no desenvolvimento do caráter do jovem quando estimulado corretamente. O trabalho do jornalista também pode dialogar com a visão coubertiniana. Conforme defendemos em publicação anterior⁵ o jornalismo tem uma função social que o torna um agente importante no estímulo de vocações e na sua interface com o esporte, pode ser decisivo para a melhoria da vida do cidadão porque, quando concebido como fato social, o esporte

Pode ter repercussão na qualidade de vida e bem-estar social do homem, pois através de seu potencial gregário e caráter lúdico é fator decisivo para o resgate do "déficit" social, na medida em que tem um papel relevante na integração social e na construção de uma sociedade mais humana e justa⁶ (p. 108).

A imprensa, portanto, pode divulgar e ampliar valores primordiais na formação do caráter do indivíduo e incentivá-lo à prática esportiva. O fato de os Jogos Olímpicos ocorrerem no Brasil representou uma oportunidade de os jornalistas pensarem em pautas cujas abordagens pudessem tocar nos ideais olímpicos propostos por Coubertin, além das pautas tradicionalmente relacionadas a este tipo de megaevento.

Os Jogos Olímpicos, desde os seus primórdios, trazem consigo a ideia de suspensão de hostilidades, da paz olímpica. Na Grécia Antiga os ginásios, os estádios e os hipódromos eram locais extremamente respeitados e neles os jovens eram iniciados nas técnicas de exercícios e práticas esportivas; eram preparados para a carreira militar, assistiam aos ensinamentos nas áreas da poesia, da filosofia e da escultura e tinham momentos de descanso e recreação. Portanto, os sítios onde se desenvolviam o esporte eram quase sagrados como nos conta a professora de Educação Física Lauret Godoy ao descrever os ginásios da época:

Lugares de paz, beleza e tranquilidade, possuíam salas para conferências, variadas instalações esportivas, recintos para massagens, duchas e unções. Também estavam situados em lugares agradáveis junto a rios, bosques e colinas. Representavam uma espécie de escola superior no preparo físico-intelectual dos jovens. Serviam, também, como ponto de encontro entre artistas e literatos que promoviam e efetuavam troca de experiências⁷ (p. 74-75).

A gênese dos Jogos Olímpicos está ligada à interrupção das guerras entre os povos helênicos e o seu caráter sagrado quando homenageavam as divindades e os heróis em quem acreditavam. A partir do século VI a. C., com o início dos Jogos Públicos, houve uma aproximação entre as cidades gregas. O exemplo dos Jogos Fúnebres, quando se homenageavam os mortos, demonstra a importância do esporte. Durante os jogos eram realizados duelos e corridas e, segundo Godoy⁷, suas raízes estão ligadas ao nascimento da olimpíada. Apesar de conterem exigências e proibições anacrônicas para os dias atuais, os regulamentos e as leis criados pelos gregos deixavam claro o respeito à disciplina e a ordem no esporte como cita Godoy⁷

Para o atleta estar credenciado a participar dos Jogos Olímpicos, precisava obedecer a um código, cujos itens eram severamente observados: (...) 2. Não ter sido punido pela Justiça, nem ter moral duvidoso. (...) 8. É proibido perseguir fora dos limites determinados, empurrar o adversário ou utilizar contra ele um comportamento desleal (p. 129-130).

Por isso o significado da realização de olimpíadas deve ser constantemente lembrado. O *fair-play*, entendido aqui como “comportamento cavalheiresco no esporte”⁸ (p. 134) era defendido fortemente por Pierre de Coubertin porque se preocupava com a educação e atribuía à prática esportiva a mesma importância que as ciências, a literatura e as artes têm na vida de um jovem⁴. Atletas, portanto, têm grande responsabilidade e, por isso, precisam demonstrar atitudes que estimulem os jovens a seguir as suas condutas. Tal orientação, na contemporaneidade,

ganha maior dimensão porque vivemos em uma sociedade conectada que tudo observa e partilha pelas redes digitais de interação.

Pela moral coubertiniana, por exemplo, merecem críticas o excesso de vaias dos torcedores brasileiros durante a disputa no salto com vara entre Thiago Braz e o francês Renaud Lavillenie, no Estádio Olímpico, o Engenhão, e que expôs algo que vinha incomodando atletas, organizadores[§] dos Jogos Olímpicos e parte do público. Por outro lado, o francês errou ao criticar o comportamento da torcida e ao compará-la aos alemães durante a Olimpíada de Berlim, em 1936. O chanceler alemão Adolf Hitler pretendia demonstrar a superioridade da raça ariana, mas foi simbolicamente derrotado pelo americano Jesse Owens (James Cleveland Owen, morto em 1980) que venceu quatro das principais provas do atletismo. A alusão de Lavillenie ao povo alemão foi equivocada. Parte do público presente ao Estádio Olímpico de Berlim reconheceu a façanha de Owen e o aplaudiu.

A necessidade de vencer e de superar os recordes mundiais e olímpicos são verdadeiros motores que impulsionam os atletas e, conseqüentemente, a sociedade que se espelha nos exemplos dentro de campo, de quadras, de piscinas etc., entretanto, Coubertin observava com cuidado o estímulo pelo alcance de recordes e a importância atribuída às competições porque poderiam representar um perigo na educação dos jovens. A questão torna-se atual pelo fato de o esporte ganhar cada vez mais entorno midiático e comercial. O que seria mais interessante para a mídia e para os anunciantes do que a possibilidade de quebra de marca regional ou mundial durante uma competição?

Em 1903, num editorial do jornal francês *Le Figaro*, Coubertin exaltou o valor da competição em relação à quebra de recordes como forma de impulsionar o homem à superação:

A competição leva a luta, a concorrência, com um ser animado; o récord somente nos coloca diante de um fato inerte, um número, uma medida de espaço e de tempo; somente se luta, propriamente falando, consigo mesmo. A ambição e a vontade são os únicos motores que vos coloca em ação. (...).

[§] O presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, criticou o comportamento da torcida e o classificou de inaceitável.

Em resumo, estais completamente em vossas mãos. Será muito diferente vosso estado de espírito se adiante, atrás ou ao vosso lado trabalham outros músculos e outros cérebros cuja presença inquieta e excita ao máximo vossos nervos. (...) A aceleração a qual vos entregais é em grande parte inspirada e orientada não somente por vossos músculos e vosso cérebro, mas também pelos músculos e cérebros de alguns competidores cuja vitória ameaça a vossa⁹ (p. 150).

Mais adiante, no mesmo editorial, Coubertin, porém, faz ressalvas ao excesso de importância atribuída às competições quando empregadas indiscriminadamente no sistema de educação física por considerar que poderiam representar perigo à saúde, principalmente dos jovens:

Outra experiência sobre a qual se tem discutido muito na Inglaterra e na América – a de dedicar seis horas de esportes diferentes durante um período de oito horas – não poderia ter sido realizada nas condições estabelecidas, isto é, sem deixar sinais significativos de fadiga, se tivesse se tratado de uma série de competições. Naquela prova pude poupar esforços e fazer o melhor que pude desde o ponto de vista da força e da velocidade; mas se tivesse tido competidores atrás de mim durante seis horas, teria sido impossível para mim sair livre de prejuízos. Pois bem, o importante – coisa com a qual estará de acordo quem tenha tido a gentileza de seguir a exposição de minhas ideias sobre isso – não é que os jovens ganhem troféus em todos os esportes, mas que possam praticá-los todos e, quando for o caso, possam gastar indistintamente toda a energia de que dispõem⁹ (p. 151).

O criador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna acreditava, portanto, que os não-atletas poderiam usar os recordes como estímulo, mas, sem esquecer que, para superar suas marcas, precisavam respeitar alguns limites do próprio corpo. Mas, como será que nossa imprensa esportiva nos apresenta ou constrói as notícias sobre competições, os recordes, os atletas, as vitórias e as derrotas?

Análise da reportagem

A primeira reportagem veiculada pelo Portal UOL na página esportiva sobre a conquista do atleta brasileiro ocorreu às 23h34 do dia 15 de agosto com o título: “Thiago Braz consegue feito e é ouro no salto com vara com recorde olímpico”¹⁰. Tanto o título quanto o *lead* que abre a reportagem contemplam as regras preconizadas pelo jornalismo e trazem dados mais relevantes numa espécie de síntese da notícia que será desenvolvida. O título, entretanto, apresenta tom ufanista ao destacar o “feito” do atleta elevando a ação a um quase milagre que jamais um brasileiro alcançou.

O *lead* segue na mesma direção e informa que Thiago Braz “conseguiu feito histórico” ao bater o “campeão olímpico de Londres-2012 e recordista mundial”¹⁰. Prosseguindo no tom ufanista, o texto destaca que o: “público do Engenhão presenciou, então, o maior feito de um esportista brasileiro até agora na Olimpíada” e ainda que o “inesperado, o incrível aconteceu. Thiago Braz correu para saltar sobre uma barreira de 6,03 m, algo que ele nunca havia sequer tentado, e venceu”¹⁰.

O conteúdo da reportagem também atribui excesso de importância à conquista de uma medalha ou de um recorde numa competição. Ao defender os ideais do Olimpismo Pierre de Coubertin deixou claro que as competições esportivas são permeadas por importantes princípios. Para o francês o esporte deve estar a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem para estimular a promoção de uma sociedade pacífica voltada à preservação da dignidade humana, ou seja, nem sempre vencer é o principal. No texto analisado, porém, algumas palavras-chave foram usadas incansavelmente e marcam a relevância que se atribuiu à vitória, ao lugar mais alto do pódio, à conquista do prêmio único. As palavras recorde, ouro, medalha, prata e pódio somam dezesseis aparições especificamente no texto dentro do significado citado.

O texto contextualiza historicamente a conquista ao citar as outras quatro medalhas de ouro obtidas por brasileiros no atletismo com Maurren Maggi, Adhemar Ferreira da Silva (duas) e Joaquim Cruz. Destacamos como ponto positivo na reportagem quando se ressalta a coragem (um dos valores olímpicos) e a superação do desafio pelo brasileiro: “(...) arriscou algo inédito na sua carreira - o salto de 6,03 m” e “O que parecia ser um cenário de desânimo se transformou quando parou a chuva”¹⁰.

Constatamos outros momentos que nos remetem aos ideais olímpicos como no último parágrafo da reportagem que ressalta a “determinação” do atleta, um dos valores

defendidos por Coubertin: “Thiago, que lutou contra uma lesão antes da Olimpíada e entrou como a terceira melhor marca do ano na final, era campeão olímpico”¹⁰. O trecho do texto demonstra que o atleta enfrentou obstáculos e nem era o favorito, mas conseguiu superar-se graças à determinação que, aliás, não é uma característica sobrenatural, mas de quem trabalha duro e focado para atingir os seus objetivos, como demonstram Perez e Rubio¹¹ ao abordarem sobre os valores que movem os atletas dentro e fora das competições e que são fruto das interações com a sociedade e da própria cultura. Enfim, os valores olímpicos são, na verdade, valores humanos e a determinação é um deles

No esporte, as palavras determinação, dedicação e esforço são sinônimos no discurso dos atletas. Apesar da falta de diferenciação no uso da palavra, o valor da determinação está na obstinação necessária na busca por resultados que somente ocorrem como consequência de uma vida dedicada ao treinamento e fora da vida social comum a outros jovens da mesma idade. (...) Admirar a possibilidade de alguém trabalhar duro para alcançar algo. Assim, o valor da determinação está intimamente associado ao valor da excelência, uma vez que o resultado é o fruto da busca incessante do movimento perfeito que só pode ser alcançado com o trabalho duro**.

A importância da participação do público em competições de forma a estimular e a incentivar o atleta foi indicada na reportagem quando abordou-se sobre os torcedores: “A pequena torcida, nesse momento, já estava enlouquecida. Empurrado por ela, Thiago superou os 5,93 m em sua segunda tentativa”¹⁰. Por outro lado, também se registrou a falta de *fair-play* e o desconhecimento dos torcedores sobre certos esportes, como o salto com vara, quando foi escrito que a: “torcida brasileira vaiava cada tentativa do rival. O locutor tentava contê-los com pedidos de silêncio”.

Em um país onde esportes como o futebol, o basquete e o vôlei estão na preferência da maioria dos torcedores, não é de se estranhar que os apupos ocorressem mesmo em momentos em que os atletas necessitavam de silêncio para se concentrar.

** Nossa tradução.

Não há no país uma cultura estabelecida para se torcer durante a disputa de certas modalidades esportivas.

No último parágrafo a reportagem ressaltou a conquista de Thiago Braz como desafio superado e fruto de esforço pessoal do atleta, porém, finalizou com mais uma hipérbole: “Thiago, que lutou contra uma lesão antes da Olimpíada e entrou como a terceira melhor marca do ano na final, era campeão olímpico. Uma dessas histórias para botar em moldura de ouro no museu da história dos Jogos”¹⁰.

Na reportagem o internauta ou o usuário do aplicativo podia acessar um vídeo editado onde assistia como foram os últimos três saltos do brasileiro, as comemorações dele e a reação do francês Lavillenie, que se mostrava surpreso. Também é possível ver a comemoração do público brasileiro com destaque para uma criança que segurava a bandeira do Brasil enquanto abraçava uma mulher; em outra imagem o técnico de Thiago Silva aparecia vibrante. O salto que deu a vitória ao brasileiro foi reprisado em *superslow-motion* (em velocidade extremamente reduzida) e evidenciou a graça dos movimentos do atleta, sem mostrar, porém, a corrida e o encaixe da vara no local de apoio. Seria interessante ter incluído nas imagens em *superslow* todas as etapas do salto (corrida, impulsão, voo e aterrissagem) uma boa oportunidade estética, mas, também, para os praticantes e pesquisadores da modalidade analisarem com mais detalhes o salto.

As imagens do vídeo também mostram o atleta francês se preparando para o salto e a sua falha ao não conseguir superar a marca de 6,08 m. Por último, as imagens trazem a comemoração de Thiago Braz com a bandeira do Brasil aberta, segurando-a e agitando o símbolo nacional durante sua corrida pela pista de atletismo do estádio¹² (figura 1). Sem dúvida a produção de um texto icônico que pode ser lido como ufanista, entretanto, muito comum durante as vitórias de brasileiros naquela olimpíada. As cenas descritas têm a função de tocar no orgulho nacional e ressaltá-lo para que o brasileiro deixe de lado o velho “complexo de vira-latas” tão conhecido a partir de Nelson Rodrigues¹³ e que, segundo sua crônica publicada originalmente na revista *Manchete Esportiva* (1958), se ampliou no subconsciente do torcedor brasileiro após a derrota para o Uruguai no final da Copa de 1950.

Figura 1 – Thiago Braz comemora medalha e exhibe bandeira do Brasil para a torcida no Engenhão: produção de um texto icônico que pode ser lido como ufanista.



Outro recurso imagético foi usado na mesma reportagem que levava o usuário a uma galeria com dezesseis fotografias-legenda que repetiam o conteúdo e as abordagens utilizadas no texto. Citamos como exemplos¹⁰: “Thiago Braz supera os favoritos e conquista ouro inédito no salto com vara”; “Thiago Braz consegue recorde olímpico em 6.03m”; “Natural de Marília (SP), o atleta de 22 anos surpreendeu seus principais rivais para ir ao lugar mais alto do pódio” e “Thiago Braz celebra sua medalha de ouro exibindo a bandeira do Brasil para a torcida presente no Engenhão”.

Destacamos na galeria de imagens a foto em que o atleta posa agachado ao lado de um placar eletrônico que registrava os dados referentes ao salto, como o nome do brasileiro e a marca olímpica batida. E apesar de a imagem ser bastante significativa dentro do que já analisamos até aqui – sobre ufanismo, o complexo de vira-latas, a supervalorização dos recordes etc. – a sua legenda mostra-se surpreendentemente objetiva: “Thiago Braz ao lado do recorde olímpico no salto com vara”¹⁰.

Considerações Finais

Apresentamos parte de uma pesquisa que começou a partir da realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e que pretendeu buscar pistas sobre abordagens realizadas durante a cobertura do evento pela imprensa. Identificamos no *corpus* da pesquisa, por meio de um recorte, uma possível leitura da imprensa especializada em esportes sobre um dos eventos mais importantes da olimpíada para os brasileiros, tendo em vista que um atleta de uma modalidade com pouca tradição no país conquistou o prêmio máximo da competição.

Durante a pesquisa procuramos na narrativa da reportagem analisada pontos que nos remetessem aos ideais defendidos por Pierre de Coubertin porque defendemos que, por meio de conteúdos jornalísticos, se pode tocar nos valores olímpicos, nos aspectos que incentivam as práticas esportivas, estimulam a iniciação de novos atletas e promovem o respeito e a paz, contribuindo, assim, para a melhoria da qualidade de vida do cidadão.

Por se tratar de um evento para o qual as empresas de mídia fecham as cotas de anunciantes muito antes do início, há mais chances de os jornalistas realizarem abordagens mais criativas e diferenciadas devido a formação de equipes mais completas de profissionais que, em tese, estão mais bem preparados para a cobertura esportiva de um megaevento como este.

Encontramos momentos que remetem aos ideais defendidos por Coubertin e ressaltam valores olímpicos como a determinação e a coragem. Os tempos são outros desde a expressão dos ideais pelo francês e que devem ser observados com cuidado e sob o contexto em que foram formulados, no entanto, certos valores continuam atuais porque os atletas na contemporaneidade “ainda carregam, de forma consciente ou inconsciente, os valores olímpicos”¹⁴ (p. 221) e, com isso, podem influenciar atitudes de futuros atletas e de espectadores os contagiando positivamente.

No *corpus* analisado, porém, predominam abordagens onde se atribui importância suprema à conquista de uma medalha, de preferência de ouro. O atleta é mostrado com uma aura de herói, de quem realizou uma proeza, algo impossível para os mortais, como ocorreu no título e no *lead* da reportagem. Sobressai fortemente a utilização do ufanismo e das imagens para promoverem o esporte enquanto espetáculo midiático. Tal cenário contribuiu para ampliar a audiência das futuras transmissões

esportivas naquela olimpíada e favoreceu as empresas envolvidas com o megaevento. O esporte, porém, também deve ser retratado como um fenômeno social que pode influenciar transformações culturais na sociedade e contribuir nos “processos de mudança social, formação educacional e de consolidação desta identidade”⁶ (p. 108).

O atleta pode ser mostrado como aquele em quem o cidadão comum se espelhará tanto nas questões esportivas quanto morais, mas tendo consciência de que a dedicação e o esforço podem mover para frente qualquer um, independentemente do campo de atuação. O jornalismo esportivo, entretanto, ainda não consegue dar conta

“da sua real dimensão” na sociedade atual, ficando mais centrado nos aspectos ligados ao esporte de alto rendimento. Há muito pouco do esporte amador, das políticas públicas e privadas no âmbito esportivo, da promoção do esporte como fator de qualidade de vida, do impacto cultural do esporte na sociedade, entre outros fatores, na cobertura jornalística diária do esporte³ (p. 195).

No Brasil a preparação de um atleta para uma olimpíada enfrenta diversos percalços. Travam-se batalhas pela busca de patrocinadores (tanto públicos quanto privados), há dificuldades em se adquirir equipamentos e materiais importados de melhor qualidade e existe a necessidade de viagens internacionais para treinos com técnicos estrangeiros e a ambientação às rotinas e para a disputa de campeonatos.

O jornalismo esportivo pode e deve participar do processo de descoberta e de formação pelo qual passa um atleta ao abordar a temática e divulgar modalidades, porém, respeitando um dos preceitos básicos do jornalismo, a periodicidade. Para Beltrão¹⁵ a periodicidade tem vínculos profundos com o jornalismo, “vínculos tão íntimos e indissolúveis que tornaram sinônimos, na linguagem universal, vocábulos etimologicamente tão divergentes como jornalismo e periodismo” (p. 50). Por isso as coberturas de esportes como o salto com vara, por exemplo, não podem ficar restritas a épocas em que eventos esportivos ocorrem. Um dos legados deixados aos jornalistas brasileiros a partir da realização dos Jogos Olímpicos de 2016 foi a oportunidade de repensar os caminhos e os valores abordados pela imprensa esportiva do país.

Referências:

- 1 Martins Filho EL. Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo. São Paulo: O Estado de S. Paulo; 1997.
- 2 Melo JM. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes; 1985.
- 3 Gurgel A. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. *Motrivivência*. 2009; 32/33: 193-210.
- 4 Miragaya A. Educação olímpica: o legado de Coubertin no Brasil. In: Reppold Filho AR, Pinto LMM, Rodrigues RP, Engleman S. Editores. Olimpismo e educação olímpica no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2009.
- 5 Cardoso M. Jornalismo especializado em esportes: uma discussão para ampliar conceitos e autores. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo. Anais. INTERCOM, 2016, p. 1-10.
- 6 Bruel MR. Função social do esporte. *Motrivivência*. 1989; 2: 108-111.
- 7 Godoy L. Os olímpicos: deuses e jogos gregos. São Paulo: Meca; 2012.
- 8 Rubio K. O atleta e o Mito do Herói: O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 9 Muller N, Todt N. Pierre de Coubertin (1863-1937) - Olimpismo: Seleção de textos. Porto Alegre: EdiPUCRS; 2015.
- 10 Franceschini G, Mattos R. Thiago Braz consegue feito e é ouro no salto com vara com recorde olímpico. UOL, Rio de Janeiro; 2016. Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/15/salto-com-vara-masculino-final.htm> [2016 set 6].
- 11 Perez, CR, Rubio K. The Understanding of Olympic Values by Brazilian Olympic Athletes. *International Journal of Humanities Social Sciences and Education*. 2014; 1(12): 37-43.
- 12 Pfaffenbach KO. UOL. 2016. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/15/salto-com-vara-masculino-final.htm> [2017 mar 31].
- 13 Rodrigues N. A pátria de chuteiras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2013.
- 14 Quintilio NK. A chegada ao desconhecido e o fascinante mundo das narrativas biográficas dos Atletas Olímpicos Brasileiros. In: Rubio K. Editor. *Narrativas Biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços Editora; 2016.
- 15 Beltrão L. Iniciação à Filosofia do Jornalismo. Rio de Janeiro: Agir Editora; 1960.